



**SÉRIE
FUTEBOL
108**



Relançamento

SÃO PAULO TRICAMPEÃO DO BRASILEIRO



**TRICOLOR
1995**



SÃO PAULO



JULIO 1995

1977

A VITÓRIA DA GARRA

No papel, a equipe são-paulina do ano de 1977 não passava de competitiva. Nada que preocupasse um técnico acostumado a desafios. Para esse papel, o São Paulo contava com Rubens Minelli, já na época bicampeão brasileiro pelo Internacional de Porto Alegre.

No gol, ele poderia contar com dois grandes jogadores: Toinho e Valdir Perez. Já na defesa, a coisa se complicava. Tecão havia quebrado o braço, Hermínio sofrera distensão muscular e Jaime estava com a perna fraturada. Restavam Estevão, que voltava ao futebol após um longo período de inatividade, e Bezerra, improvisado de quarto-zagueiro, já que sua posição original era de lateral.

Pelas laterais, na esquerda vinha atuando, também de improviso, Antenor. Pela direita, o São Paulo dispunha de Getúlio, que além de desempenhar a função defensiva, ainda subia ao ataque para marcar gols. O goleiro do Grêmio, Corbo, que o diga. Ele ainda não conhecia o chute de Getúlio e eis que surge uma falta para o São Paulo a uma distância considerável. Corbo despreza o lateral e manda a barreira sair. O goleiro só teve tempo de ver a bola morrendo na gaveta.

Para o meio-campo, Minelli

contava com três bons jogadores. O incansável Chicão, cortado da Seleção Brasileira sob fortes críticas e louco para mostrar serviço. Mostrou tanto que voltou à Seleção na Copa de 1978 e foi escalado para a mais difícil partida brasileira na competição - contra os argentinos, donos da casa.

Completando a dupla de volantes, jogava Teodoro, outro lutador. O terceiro homem do meio-campo era Neca, contratado para essa função, mas que na prática atuava, basicamente, como um segundo atacante, visto que foi vice-artilheiro tricolor na temporada.

Pela ponta-direita, atuava o ágil Zequinha, contratado junto ao Grêmio naquele ano e que vinha fazer as honras para uma dupla de atacantes inesquecível - Serginho e Zé Sérgio.

Na ponta-esquerda, Zé Sérgio era o "filho do vento" da época. Preferia jogar pela esquerda, apesar de destro, e possuía uma incrível habilidade, tanto para o drible curto, quanto para os lances de velocidade. Ele apenas preparava a jogada para o artilheiro Serginho que estava no auge de sua forma, marcando gols de todas as maneiras. Mas o destino não quis que ele participasse de toda a festa. Uma semana

antes da decisão do campeonato, Serginho foi suspenso por 14 meses por ter agredido o bandeirinha Vandevaldo Rangel em uma partida contra o Botafogo de Ribeirão Preto.

GUERRA DE NERVOS NA DECISÃO

- Com muita luta, o São Paulo passava por todos adversários e chegava à grande final. O adversário era nada menos que o Atlético Mineiro, apresentando um currículo de fazer inveja: 49 pontos ganhos, saldo positivo de 33 gols (havia feito 55 e tomado 22), 16 vitórias e nenhuma derrota. Invicto. Mas o Tricolor havia aprendido durante o campeonato que não se ganha jogo na véspera.

O clima de decisão tomava conta de Belo Horizonte. A cidade estava pintada de preto e branco e o Galo já dava início a uma guerra de nervos. Surgia o boato que o artilheiro Reinaldo, também suspenso da final, havia conseguido uma liminar que possibilitava sua escalação. O troco são-paulino foi imediato. Minelli, momentos antes da decisão, mandou um helicóptero trazer Serginho Chulapa de São Paulo, espalhou o boato de que ele também estava liberado para a

decisão e fez o craque circular pela porta do vestiário atleticano para intimidá-los.

Nenhum dos dois jogadores participou da partida, mas o Galo já entrou em campo nervoso. A tática tricolor para o jogo era não permitir que hábeis jogadores mineiros, como Toninho Cerezo e Paulo Isidoro, tivessem espaço para jogar. Partindo em contra-ataques, o São Paulo ainda ameaçava o gol de João Leite através das belas jogadas de Zé Sérgio e do oportunismo de Mirandinha. O tempo normal terminava em 0 a 0.

O jogo vai para a prorrogação e o panorama não muda. O Galo tentava, tentava, mas esbarrava na forte marcação são-paulina. Encerrado os 30 minutos, a decisão vai para os pênaltis e surge o herói tricolor - Valdir Perez. Getúlio e Chicão desperdiçam as duas primeiras cobranças. É hora de Valdir entrar em ação.

O experiente goleiro são-paulino faz valer a catimba. Defende o chute de Joãozinho e irrita Márcio e Toninho Cerezo a ponto de ambos chutarem para fora. Bezerra, Perez e Antenor só tem o trabalho de converterem suas cobranças e acrescentarem mais uma cor ao título - o vermelho - já que na véspera o campeão era apenas preto e branco.

CAMPANHA DE 1977

21 jogos, 13 vitórias, 5 empates e 3 derrotas; 40 gols a favor e 12 gols contra

Náutico 0 x São Paulo 1
Botafogo-PB 0 x São Paulo 2
CSA 0 x São Paulo 0
XV de Piracicaba 1 x São Paulo 1
São Paulo 0 x Palmeiras 2
São Paulo 1 x Santa Cruz 0
São Paulo 3 x Treze 0
São Paulo 2 x Sport 0
São Paulo 4 x CRB 0
Corinthians 2 x São Paulo 0
São Paulo 5 x Brasília 0
Internacional 1 x São Paulo 4
América-RJ 0 x São Paulo 0
São Paulo 4 x XV de Piracicaba 2
Ponte Preta 1 x São Paulo 3
Botafogo-SP 1 x São Paulo 0
São Paulo 4 x Sport 3
São Paulo 3 x Grêmio 1
São Paulo 3 x Operário-MS 0
Operário-MS 1 x São Paulo 0

Final

5 de março de 1978
Atlético-MG 0 x São Paulo 0

Local: Estádio do Mineirão (Belo Horizonte)
Juiz: Arnaldo Cesar Coelho
Público: 102.974
Renda: Cr\$ 6.857.080,00

Equipes:

Atlético: João Leite; Alves, Márcio, Vantuir e Valdemir; Toninho Cerezo, Angelo e Marcelo (Paulo Isidoro); Serginho, Caio (Joãozinho Paulista) e Ziza.
Técnico: Barbatana

São Paulo: Waldir Peres; Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro (Peres) e Dario Pereyra; Zé Sérgio, Mirandinha e Viana (Neca).
Técnico: Rubens Minelli

Houve empate de 0 a 0 na prorrogação e o São Paulo sagrou-se campeão na disputa por pênaltis, 3 a 2.

1986

A CONSAGRAÇÃO

Após a conquista do Campeonato Paulista de 1985, a equipe dos "Menudos do Morumbi" já não era mais surpresa para ninguém. Na verdade, era um verdadeiro esquadrão que contava com jovens jogadores como Zé Teodoro, Bernardo, Silas e Müller, mesclados a experientes craques do nível de Dario Pereyra, Pita e Careca.

O torcedor são-paulino, a princípio, desconfiou da capacidade daqueles jogadores e da filosofia de trabalho do então presidente Carlos Miguel Aidar e do inovador técnico Cilinho. Mas a resposta veio rápida.

Já em seu primeiro ano, após a conquista do Paulista, a torcida aplaudiu o empate em 2 a 2 contra o Grêmio, resultado que provocou a eliminação do São Paulo do Campeonato Brasileiro de 1985. O aplauso não era sem fundamento. O torcedor presenciava ali o início da trajetória de uma equipe que viria a ser a maior do Brasil.

Passada a Copa do Mundo de 1986, o Tricolor não possuía mais duas importantes figuras que integravam a equipe campeã paulista de 1985. Falcão abandonou os gramados após o campeonato mundial e o técnico Cilinho também saía. Entravam em ação o incansável volante Bernardo, outra grata revelação tricolor, e o carismático técnico Pepe. Agora o São Paulo entrava no Brasileiro não mais como promessa, mas como forte candidato ao título.

O campeonato daquele ano se prolongou, por incompetência da cartolagem, até o início de 1987. E nesse

tempo, o São Paulo só crescia de produção. Já mais tarimbados, após a experiência de disputar uma Copa do Mundo, os atacantes tricolores Silas, Müller e Careca representavam um motivo de insônia para quaisquer defensores que viessem a enfrentá-los. E a campanha foi brilhante - 34 partidas, 17 vitórias e apenas 4 derrotas. Isto fora as goleadas: 5 a 0 no Botafogo do Rio, outro 5 a 0 no Joinville e 6 a 1 na Ponte Preta, só para citar algumas.

Nas quartas-de-final, o adversário era o Fluminense. Na primeira partida, no Rio de Janeiro, deu Flu: 1 a 0. No jogo de volta, com a obrigação de vencer, o São Paulo desperdiçava chances e a equipe carioca se segurava como podia. Mas eles não contavam com a genialidade de Careca. Já no segundo tempo, ele recebe uma bola quase na linha de fundo e emenda direto no ângulo do gol adversário. Um dos gols mais bonitos da história do Morumbi e que abriu caminho para a vitória de 2 a 0.

Na semifinal, o adversário era o América. Uma vitória por 1 a 0 no Morumbi e um empate em 1 a 1 no Maracanã, com outro gol espetacular de Careca, levam o São Paulo a outra final, desta vez contra o Guarani.

A MAIS EMPOLGANTE DAS DECISÕES

- O Bugre não era um time qualquer. Possuía craques como Ricardo Rocha, Marco Antônio Boiadeiro, João Paulo e Evair. Jogando de

igual para igual, conseguiram um empate em 1 a 1 em pleno Morumbi, levando a final para o pequeno estádio Brinco de Ouro, em Campinas.

Os que estiveram presentes ao estádio bugrino, no dia 25 de fevereiro de 1987, jamais esquecerão aquela partida. Logo de início, o Guarani dá um susto no Tricolor, fa-

zendo 1 a 0, gol contra de Nelsinho. Aos nove minutos, após uma cobrança de escanteio, Bernardo completa de cabeça, empatando a partida. E o tempo normal termina em 1 a 1.

Logo no início da prorrogação, Pita aproveita uma confusão na área bugrina e coloca o São Paulo em vantagem. Marco Antônio Boiadeiro, aos sete minutos, deixa tudo igual novamente. Já no segundo tempo da prorrogação, o zagueiro são-paulino Wagner erra ao tentar amortecer uma bola, deixando-a livre para o veloz ponta João Paulo botar o

Guarani em vantagem novamente.

O título estava quase perdido quando o goleiro Gilmar, com a voz segura, ordena: "Passa a bola para o Careca que ele resolve". No último minuto da prorrogação, Wagner dá um chute de quase 70 metros, Pita escora a bola de cabeça e ela sobra limpa, dentro da área, para o artilheiro que não perdoa.

Novamente a decisão de um Campeonato Brasileiro vai para os pênaltis. Se desta vez o São Paulo não contava mais com a catimba de Valdir Perez, podia confiar na estrela de Gilmar. Careca e Boiadeiro desperdiçam as primeiras cobranças e na série final, João Paulo manda a bola por cima do gol de Gilmar. Bastava converter a última cobrança para o São Paulo se sagrar campeão.

Wagner pega a bola, disposto a apagar o erro que cometera durante a partida. O goleiro bugrino, Sérgio Neri, ainda tenta desconcentrar o zagueiro falando que ele entregaria o ouro novamente. Wagner vai para a bola e bate fraco. O goleiro ainda toca nela, mas não consegue evitar o gol. O Tricolor é, de novo, o melhor do Brasil.

CAMPANHA DE 1986

34 jogos: 17 vitórias, 13 empates e 4 derrotas; 62 gols a favor e 22 gols contra

Coritiba 0 x São Paulo 1
Sobradinho 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Bangu 1
São Paulo 4 x Ceará 0
São Paulo 0 x Internacional 0
Sampaio Corrêa 0 x São Paulo 4
São Paulo 3 x Fluminense 2
Operário-MS 1 x São Paulo 2
Remo 0 x São Paulo 2
São Paulo 3 x Sport 2
Ponte Preta 0 x São Paulo 2
São Paulo 2 x Santos 0
São Paulo 2 x Bangu 0
São Paulo 1 x América-RJ 1
Palmeiras 0 x São Paulo 0
Joinville 0 x São Paulo 0
Treze 1 x São Paulo 0
São Paulo 5 x Botafogo-RJ 0
Santos 0 x São Paulo 0
América-RJ 0 x São Paulo 0
São Paulo 4 x Treze 1
Botafogo-RJ 0 x São Paulo 0
São Paulo 6 x Ponte Preta 1
Palmeiras 2 x São Paulo 2
São Paulo 5 x Joinville 0
Bangu 1 x São Paulo 0
Inter-SP 2 x São Paulo 1
São Paulo 3 x Inter-SP 0
Fluminense 1 x São Paulo 0
São Paulo 2 x Fluminense 0
São Paulo 1 x América-RJ 0
América-RJ 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Guarani 1

Final:

25 de fevereiro de 1987
Guarani 3 x São Paulo 3
Local: Estádio Brinco de Ouro da Princesa (Campinas)
Juiz: José de Assis Aragão
Público: 37.370
Renda: Cz\$ 4.222,00
Gols: Nelsinho (contra) e Bernardo no 1º tempo; Pita e Boiadeiro no 1º tempo da prorrogação; João Paulo e Careca no 2º tempo da prorrogação.

Equipes:

Guarani: Sérgio Neri; Marco Antonio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tosin, Tite e Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo.
Técnico: Carlos Gainete

São Paulo: Gilmar; Fonseca, Wagner Basílio, Dario Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sidnei (Rômulo).
Técnico: Pepe

Após o empate no tempo normal por 1 gol e na prorrogação por 2 gols, o São Paulo sagrou-se campeão nos pênaltis por 4 a 3.

1991

O TRI É O PRIMEIRO PASSO

Após duas frustradas tentativas de chegar ao tão sonhado tricampeonato (foi vice em 1989, perdendo na final para o Vasco, e em 1990, perdendo para o Corinthians), em 1991 o Tricolor entrou no Brasileirão disposto a desengavetar o antigo Projeto Tóquio de conquistar o mundial interclubes.

Da equipe bicampeã de 1986, restavam apenas o atacante Müller, que também já havia tomado o rumo da Europa, mas como bom filho retornara ao lar, o volante Bernardo e o lateral Zé Teodoro. O resto do time era formado por bons jogadores que, se não chegavam ao nível técnico da equipe bicampeã, compensavam eventuais dificuldades com muita garra e uma vontade incrível de vencer.

Para dar um toque final a essa equipe, o Tricolor contava, no banco de reservas, com a indiscutível capacidade do técnico Telê Santana que ao chegar, em 1990, pegou a equipe na segunda divisão do Campeonato Paulista, levou-a de volta à primeira e, de quebra, conquistou o título da temporada. Só faltava a conquista do Brasileiro para acabar com a fama de pé-frio que o perseguia desde a Copa do Mundo de 1982.

Apesar de sofrer duas derrotas consecutivas no início

do campeonato - 1 a 0 para o Flamengo e 2 a 1 para o Santos - nada parecia abalar a confiança dos jogadores são-paulinos, tanto que antes mesmo da competição, o goleiro Zetti avisava: "Nós vamos chegar de novo. E desta vez vai ser para levar".

DIAMANTES SÃO LAPIDADOS

E foi durante a campanha que o São Paulo apresentou ao Brasil tudo que certos jogadores poderiam render na realidade. Todos foram grandes na conquista, mas há que se reconhecer o mérito de três jogadores que ficarão para sempre no coração dos tricolores: Ricardo Rocha, Leonardo e Raí.

Após ser vice-campeão brasileiro pelo Guarani e depois de uma passagem pelo Sporting de Portugal, Ricardo Rocha chegou ao Morumbi e começou a mostrar o futebol que o faz titular da Seleção Brasileira até hoje.

Leonardo era outro que havia se revelado no Flamengo e chegava para dar o toque de habilidade à equipe. Mas o que se mostrou um caso a parte foi Raí. Contratado junto ao Botafogo de Ribeirão Preto em 1988, Raí não conseguia provar no São Paulo a razão de sua contratação. Faltava apenas alguém que

acertasse a sua posição dentro de campo e essa tarefa coube a Telê Santana.

Antes da chegada de Telê, Raí jogava como um centro-avante, ficava perdido no meio dos zagueiros e não desencantava. Telê recuou-o para o meio-campo e transformou-o em um verdadeiro camisa 10. O jogador que arma a jogada e aparece na área para concluir.

Com esse elenco, o São Paulo foi passando por todos os adversários até con-

po pequeno, o Tricolor não fez por menos. O primeiro tempo foi marcado por um grande respeito de ambas partes e um confronto tático entre os dois treinadores - Telê pelo São Paulo e Carlos Alberto Parreira pelo Braga.

Parreira tratou de bloquear a principal jogada são-paulina, os avanços do lateral Leonardo, a essa altura transformado em ala. Já Telê tinha que parar o meio-campo do Bragantino.

Na etapa final, Telê arriscou botando o rápido ponta Mário Tilico no lugar de Elivélton e ele não decepcionou. Após uma cabeçada de Bernardo no travessão, Müller não alcançou o rebote mas a bola chegou limpa para Tilico fuzilar o gol de Marcelo, marcando o único tento daquela partida.

Em Bragança, bastava um empate para dar o título ao Tricolor. E foi o que aconteceu. As duas equipes tiveram boas chances para abrir o marcador. No minuto final, Flávio, que havia entrado no lugar de Müller, encobriu o goleiro, mas a bola bateu no travessão. O 0 a 0 era o suficiente. O Tricolor era, novamente, campeão do Brasil e iniciava uma trajetória que só iria terminar em Tóquio.

CAMPANHA DE 1991

23 jogos: 12 vitórias, 7 empates e 4 derrotas; 28 gols a favor e 15 gols contra

Atlético-MG 0 x São Paulo 3
Flamengo 1 x São Paulo 0
São Paulo 1 x Santos 2
São Paulo 1 x Fluminense 0
São Paulo 2 x Atlético-PR 1
Náutico 2 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Bahia 0
Goiás 1 x São Paulo 1
São Paulo 2 x Grêmio 0
Bragantino 1 x São Paulo 2
São Paulo 0 x Palmeiras 0
Corinthians 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Portuguesa 0
Vasco 2 x São Paulo 2
São Paulo 2 x Sport 0
Vitória 1 x São Paulo 2
São Paulo 1 x Botafogo 0
São Paulo 3 x Cruzeiro 1
Internacional 1 x São Paulo 0
Atlético-MG 1 x São Paulo 1
São Paulo 0 x Atlético-MG 0
São Paulo 1 x Bragantino 0

Final:

09 de junho de 1991

Bragantino 0 x São Paulo 0

Local: Estádio Marcelo Stéfani (Bragança Paulista)

Juiz: José Roberto Wright

Público: 12.492

Renda: Cr\$ 64.500.000,00

Equipes:

Bragantino: Marcelo; Gil Baiano, Júnior, Nei e Biro-Biro; Mauro Silva, Ivair (Luis Müller), Alberto e João Santos (Franklin); Silvio e Mazinho.

Técnico: Carlos Alberto Parreira

São Paulo: Zetti; Zé Teodoro, Antonio Carlos, Ricardo Rocha e Leonardo; Ronaldão, Bernardo, Cafu e Raí; Marcelo e Müller (Flávio).
Técnico: Telê Santana

Como vencedor do 1º jogo no Morumbi, o tricolor só precisava do empate para levantar o caneco.

1994

O MUNDO É TRICOLOR

A conquista nacional de 1991 permitiu ao São Paulo pôr em prática um sonho que vinha desde 1987 - o Projeto Tóquio. Enquanto muitos desconfiavam da capacidade de um time brasileiro vir a conquistar títulos de grande importância internacional, o Tricolor tratava de cuidar de todos os detalhes para que o plano desse certo.

O preparador físico Moracy Sant'Anna elaborava o condicionamento ideal para que o time pudesse suportar todas as barreiras de uma Copa Libertadores de América, desde enfrentar as equipes bolivianas na altitude até conseguir fazer com que os jogadores suportassem a maratona de jogos que estavam por vir.

A base daquela equipe vencedora de 1991 foi mantida e reforços chegaram. Do América mineiro vieram Palhinha e Ronaldo Luís. Do Botafogo chegou o zagueiro Válber e a equipe já se formando.

Tudo foi arquitetado e realizado com grande competência e o resto da história todos nós conhecemos. Duas finais mundiais interclubes em Tóquio e duas

conquistas memoráveis para o futebol brasileiro. A primeira, enfrentando o Barcelona e uma vitória por 2 a 1, com dois gols de Raí. A segunda, um jogo histórico contra o milionário e todo poderoso Milan. Mas os deuses estavam do lado brasileiro. Praticamente uma reprise da partida entre Brasil e Itália pela Copa do Mundo de 1982. O placar de 3 a 2, desta vez foi favorável à equipe brasileira, com direito a um gol espírita de Müller no final da partida.

E estes não foram os únicos títulos do São Paulo após a conquista do Brasileiro de 1991. Nesse meio tempo, o Tricolor ainda teve tempo de ganhar o Campeonato Paulista de 1992, duas Copas Libertadores de América (1992 e 1993), o Troféu Ramon de Carranza (1992), o Troféu Tereza Herrera (1992), o Troféu Cidade de Barcelona por duas vezes (1992 e 1993), o Troféu Cidade de Santiago (1993), o Torneio Santiago de Compostela (1993), O Troféu Jalisco (1993), o Torneio Cidade de Los Angeles (1993), a Recopa Sulamericana (1993) e a Supercopa

dos Campeões da Libertadores (1993).

Em 1994, novamente o São Paulo aparece como candidato a todos os títulos que disputa. Como toda equipe brasileira que revela muitos craques, perdeu alguns jogadores para o exterior, que já foram repostos. Para o lugar de Ronaldão, foi contratado Junior Baiano. Dinho foi negociado com o Santos e o Tricolor ficou com Axel na troca.

Preocupado com a falta de um jogador mais experiente no meio-campo, após a saída de Toninho Cerezo, Telê mandou buscar na Itália o volante Alemão. E o elenco ficou completo com a chegada de Aílton, vindo do Benfica de Portugal, o mineiro Euler, o chileno Sierra e a subida ao time principal das jovens revelações Caio, Jamelli, Nem, Pereira e Thiago.

INJUSTIÇAS AO TETRACAMPEÃO

- O Brasil tinha tudo para fechar o ano de 1994 com chave de ouro no futebol. Após a conquista da Copa do Mundo, o torcedor merecia ser agraciado com um Cam-

peonato Brasileiro do mais alto nível, mas os cartolas parecem não estar muito preocupados com isso. Estabeleceram uma fórmula de disputa com várias fases e a possibilidade de uma equipe que seja eliminada na primeira fase se tornar campeã.

Mas isso não é nada que preocupe o Tricolor, um time acostumado a jogar dentro dessas regras e chegar às finais. Fora os três títulos, o São Paulo ficou em segundo lugar por cinco vezes.

E se não bastasse isso, com o campeonato já em andamento, outra notícia sacudiu o Morumbi. O ídolo da torcida Müller estava sendo negociado com o Everton, equipe do futebol inglês. O atacante chegou a viajar para a Europa só para acertar os detalhes finais da transação, mas não concordou com a proposta e voltou. O presidente do São Paulo, Fernando Casal de Rey, resumiu bem o sentimento tricolor quanto a esse episódio em uma frase: "O clube fica mais pobre sem a venda de Müller, mas a equipe fica mais rica". E é isso que o torcedor deseja, uma equipe sempre forte e vencedora.



DIRETORES

Ruy Pereira
Ethel Santaella

REDAÇÃO:

DIRETORA EDITORIAL

Ethel Santaella

Textos: Luiz Cesar Pimentel

Revisão: Hebe Ester Lucas

Produtor Gráfico: Álvaro Corrêa

DTP: Helton Fernandes

Scanner: Ari Nelson Corrêa

Atendimento: Luzia Begalli

DEPARTAMENTO COMERCIAL

DIRETOR

Ruy Pereira

ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS

Coordenador:

Antonio Marcos M. dos Santos

SÉRIE FUTEBOL é

uma publicação da
Trama Editorial Ltda.

R. Prof. Filadelfo Azevedo, 383

04508-010 São Paulo - SP

Tel: (011) 885-8879 / 887-3060

Fax: (011) 889-9594

Distribuição exclusiva
para todo o Brasil:

DINAP - Distribuidora Nacional
de Publicações

Fotolito: WM

Impressão e acabamento:

W. Roth

Fotos: Agência Estado



SÉRIE FUTEBOL SÃO PAULO



SF 97



SF 117



SF 108

COMPLETE SUA COLEÇÃO!

Assinale abaixo os números que deseja receber

PREÇO POR EXEMPLAR R\$ 2,00

SÉRIE
FUTEBOL
SÃO
PAULO

☐ SF 097
☐ SF 108
☐ SF 117

Envie cheque nominal à TRAMA EDITORIAL LTDA., no valor total do pedido, para a CAIXA POSTAL 19113-CEP 04599-970 São Paulo - SP e você receberá em casa sem despesas de correio.

NOME: _____

ENDEREÇO _____

TEL. _____

CEP _____

CIDADE _____

ESTADO _____

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ